

O Santo Folkcomunicacional¹ **CARVALHO, Tatiane E. M. de²**

Universidade Metodista de São Paulo

Resumo:

A Festa de São Benedito, em Aparecida / SP, é considerada um dos maiores eventos de cultura popular do país e, neste ano, completou 100 anos, reunindo mais de 80 grupos de congadas e moçambiques, pessoas de diversos Estados, com eventos religiosos, culturais e profanos. Este trabalho tem como objetivo fazer uma análise histórica e comunicacional da Festa, tendo como objeto de pesquisa os cartazes. Para tal, selecionamos três décadas (1910, 1960 e 2009), verificando os aspectos modificados e os mantidos, além de averiguar as novas manifestações. Também no início o programa era como o jornal informativo e reunia todas as informações do evento. Hoje, possui muita publicidade. Ainda será feita uma análise do conteúdo gráfico dos cartazes. Um dos exemplos, é que no início, os cartazes eram feitos por tipografia e agora são digitalizados.

Palavras – chave: Cultura Popular, Folkcomunicação, São Benedito, Comunicação de Massa.

1 – FOLKCOMUNICAÇÃO

Os estudos da Folkcomunicação se originaram da tese defendida por Luiz Beltrão, na Universidade de Brasília, em 1967, definindo o estudo científico como “estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias”.

A folkcomunicação é o processo de intercâmbio de mensagens através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore e, entre as suas manifestações, algumas possuem caráter e conteúdo jornalístico, constituindo-se em veículos às adequados à promoção de mudanças social. (BELTRÃO, 2001, p.73)

Na primeira edição da revista *Comunicações & Problemas* (Recife, INCIFORM, 1965), Beltrão publicou o ensaio “O ex-voto- como veículo jornalístico”, que deu origem a tese, relatando que o ex-voto demonstrava a situação social da região com objetos de

¹ Trabalho apresentado no GP Folkcomunicação, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo. Graduada em Comunicação Social, habilitada em Jornalismo pela Fatea – Faculdades Integradas Teresa D’Ávila. tatieulalia@yahoo.com.br

agradecimento e exposição de fotos ou cartas.

A tese de Luiz Beltrão se constitui em um desdobramento da hipótese construída por Lazarfeld e Kartz – two – setp – flow of communication – para refutar a idéia dominante da onipotência midiática. As evidências empíricas coletadas nos Estados Unidos permitiram concluir que a mídia consegue mobilizar a atenção coletiva dos usuários, mas seus efeitos são mediados por líderes de opinião que filtram as mensagens segundo os padrões consensuados nos grupos primários. No caso brasileiro, Luiz Beltrão verificou que o papel das lideranças grupais é exercido, no campo, na cidade do interior ou nas periferias metropolitanas, por agentes folkcomunicacionais. Estes recodificam as mensagens midiáticas, reinterpretando-as de acordo com os valores comunitários. (MARQUES DE MELO, 2001, 14)

Em seus estudos, Beltrão diz que no processo folkcomunicacional uma fonte transmite uma mensagem por meio de um canal, que são os processos dos meios de comunicação de massa, que chega a audiência, onde estão contidos os líderes de opinião.

No processo convencional da comunicação (fonte – mensagem – canal - receptor) o fluxo iria parar aqui, mas seguindo o processo da folkcomunicação, nesta etapa começa um novo ciclo no fluxo da mensagem. Os líderes de opinião se tornam comunicadores e transmitem uma mensagem através de um canal folk, chegando então ao que Beltrão intitulou de audiência Folk. A audiência folk é formada por grupos marginalizados da sociedade. Porém, há diversas conotações para a expressão marginal, por isso é importante definirmos uma que mais nos convém. (CORNIANI, 2005)

De acordo com o pensamento de Luiz Beltrão existem três tipos de grupos marginalizados na audiência folk: os grupos rurais marginalizados, os grupos urbanos marginalizados e os grupos culturalmente marginalizados.

Grupos rurais marginalizados: Segundo Beltrão os grupos marginalizados rurais, são residentes de áreas isoladas, pessoas carentes de energia elétrica, vias de transporte eficientes e meios de comunicação industrializados, subinformados, desassistidos ou precariamente contados pelas instituições propulsoras da evolução social e, em conseqüência, alheios às metas de desenvolvimento perseguidas pelas classes dirigentes do país (Beltrão, 1980, p. 41)

O grau de instrução dos grupos rurais marginalizados não ultrapassa o primário, em sua maioria são analfabetos ou semi-analfabetos.

Grupos urbanos marginalizados: Para Beltrão, este grupo é caracterizado pela baixa renda e poder aquisitivo, pois esses grupos são formados por indivíduos que recebem baixos salários em empregos ou subempregos que não exigem mão-de-obra especializada, como construção civil, limpeza e conservação de edifícios, oficinas de reparos, trabalhos domésticos, ofícios e entre outras atividades mais modestas.

Grupos culturais marginalizados: Os integrantes deste grupo social, são marginalizados que contestam à cultura e organização sociais estabelecida, sejam eles rurais ou urbanos, eles desenvolvem uma filosofia ou visão política contra as leis da sociedade em vigor.

Desse modo, forçados ou voluntariamente, tais grupos se acham apartados dos demais que, entretanto procuram atrair às suas fileiras, utilizando no proselitismo métodos e meios acessíveis ao público rural ou urbano a que se destinam suas mensagens, sejam convencionais ou de folk (BELTRÃO, 1980, p. 103).

Os marginalizados que deste grupo, muitas vezes alcançam posições favoráveis dentro da sociedade e situações privilegiadas, pois possuem um grande número de adeptos, uma estrutura bem organizada, porém atuam na clandestinidade e são submetidos à repressão pelos agentes do governo. Compõem um vocabulário próprio que dificulta a decodificação de suas informações.

A classe dos culturalmente marginalizados se divide em três grupos:

O messiânico: Grupo composto de seguidores de um líder carismático, cujas idéias religiosas representam contrafações, adulterações, exacerbações ou interpretações personalíssimas de dogmas e tradições consagradas pelas crenças e denominações religiosas estabelecidas e vigentes no universo da comunicação social.

O político-ativista: O grupo ativista tem uma ideologia que a comunidade, em sua grande maioria, considera exótica ou insuportável. São indivíduos decididos a manter estruturas de denominação e opressão vigentes ou revolucionar a ordem política e social em que se fundamentam as relações entre os cidadãos, empregando a força como a arma principal para impor suas diretrizes.

O erótico-pornográfico: Desse grupo participam todos os que

não aceitam a moral e os costumes que a comunidade adota como sadios, propondo-se a reformá-los em nome de uma liberdade que não conhece limites à satisfação dos desejos sexuais e práticas hedônicas consideradas perniciosas pela ética social em vigor.

Apesar de cada grupo ter a sua característica, todos estão em busca do mesmo objetivo, além da aspiração coletiva que vive, buscam uma vida livre de sofrimentos, angústias, injustiças e opressões ou plena satisfação das riquezas e prazeres que a sociedade proporciona a minoria. Os dois primeiros grupos são semelhantes por apresentarem a liderança de um líder carismático, ou seja, alguém que consegue conduzir um grupo, através do poder de persuasão referente à posse da verdade e de forças superiores, em busca dos seus objetivos reformistas.

2 – FESTA DE SÃO BENEDITO – CULTURA POPULAR, FÉ E TRADIÇÃO

A cultura popular é uma presença viva na festa de São Benedito, em Aparecida especialmente porque apresenta aspectos únicos. O Santo é visto como o protetor dos negros e dos cozinheiros. Algumas pessoas têm o hábito de colocar uma imagem dele na cozinha e oferecendo a primeira xícara de café do dia para que não lhe falte alimento. Outro costume, encontrado na cidade, é de colocar três galhos de salsa, para que o santo afaste os apuros financeiros.

Os moradores de Aparecida resolveram realizar a Festa em Louvor a São Benedito, tendo como modelo a Festa de Guaratinguetá. A veneração popular ao Santo é tão grande, que o popular e o religioso se integram, o profano e o sagrado se misturam, praças e ruas tornam-se extensão da igreja.

Os negros e os devotos de São Benedito, que viviam em Aparecida, participavam dos festejos em louvor ao santo em Guaratinguetá, sempre na segunda-feira após o domingo de Páscoa. “Depois de participarem da Semana Santa, os fazendeiros locais davam um dia aos negros para fazerem sua própria festa religiosa” (RIBEIRO, 2004 p.27).

Em Aparecida, o Vigário Cônego Joaquim Fonseca, no final do século XIX, adquiriu uma imagem de São Benedito (a mesma que está na Igreja) guardando-a durante alguns

anos na “Casa da Arara”, uma loja próxima à igreja de Nossa Senhora de Aparecida e, em 1906, essa imagem foi levada para a capela de Santa Rita.

A festa de São Benedito começou a ser comemorada em Aparecida com a fundação da Irmandade de São Benedito, em 1909. As rezas e missas aconteciam na capelinha de Nossa Senhora da Piedade, que ficava na Rua Monte Carmelo e Anchieta. A primeira festa aconteceu em 1910, na igreja de Nossa Senhora Aparecida (Basílica Velha). Assim dava-se início também à tradição da escolha de um rei e uma rainha (os festeiros), além da distribuição de doces, cavalaria, alvorada e procissão. A Festa de São Benedito é caracterizada como de data móvel, pois é comemorada em função da Páscoa e, sendo assim, o critério para se estipular a sua data baseia-se no calendário religioso, “caindo”, sempre, na segunda-feira uma semana após a Páscoa.

A capela de Nossa Senhora da Piedade foi demolida em 1918, onde eram realizadas as primeiras festas, e os devotos de São Benedito resolveram construir uma igreja entre as ruas Oliveira Braga e Monte Carmelo. Em 1915, foi doado o terreno à Basílica de Nossa Senhora Aparecida com finalidade de ser construída a igreja de São Benedito e a pedra fundamental foi lançada, em 30 de maio de 1918. No dia 19 de janeiro de 1919, foi erguida a torre com missa campal, e, a 25 de maio do mesmo ano, a construção foi finalizada.

Um fato que chama a atenção, existente apenas em Aparecida, é a tradição de São Benedito ir buscar Santa Rita para participar dos festejos, pois a imagem de São Benedito ficou guardada 14 anos na capela da santa e o povo transladavam as imagens, em procissão.

A primeira Festa de São Benedito, em sua igreja, foi realizada em 05 de abril de 1920. Com o passar do tempo houve mudanças e crescimento, a Festa de São Benedito obtém novos formatos e novidades, cada reinado quer deixar registrado o seu trabalho, como por exemplo, a nova cor a pintar a Igreja ou inserir novas atividades.

Nos primeiros anos, a festa apresentou cargos de rei, rainha, juiz e juíza de ramallete e contou com a presença da Corporação Musical Aurora Aparecidense. No domingo acontecia a translação das imagens de São Benedito e Santa Rita para a capela do bairro dos Machados e a cavalgada, no período da tarde. E na segunda-feira, dia da Festa, acontecia a alvorada com a banda Aurora Aparecidense e a Corporação Musical

Aparecidense anunciando o grande dia, passando pelas ruas com os reis e seguia para a missa festiva. A festa se encerrava com a grandiosa procissão.

Ainda no domingo e na segunda-feira, acontecia o Leilão das prendas pedidas pelos Reis à população para auxílio das despesas, esta era a única parte profana do evento. As primeiras festas foram realizadas com este padrão e na década XX, junto ao Leilão foi criado o “Cinema ao Ar Livre”, mas nos anos 30 já não tinha mais.

As primeiras manifestações folclóricas foram em 1922, quando a Congada de São Gonçalo do Sapucaí (MG) veio cumprir sua promessa. A partir dos anos 70, os grupos começaram a fazer parte da procissão, onde hoje, toma a sua maior parte. É constatada a presença de aproximadamente 80 grupos de folguedos (congadas, moçambiques, dança das fitas, balanceados e marujas e maracatu), de estrutura variável, desde os mais simples cortejos, que canta e dança, à um conjunto que, após a cantoria representa um auto texto, que sempre realça a vitória da cruz sobre os infiéis. As primeiras congadas e grupos folclóricos foram trazidos por Célio Batista Leite e José Diniz, de cidades do Vale do Paraíba e Minas Gerais.

Em 1956, a data da festa foi alterada da primeira segunda-feira pós – Páscoa para o domingo seguinte, pois para a igreja não ficava bem realizar festas na Semana Santa, de acordo com o Jornal Santuário. No ano de 1957, o evento acontece na nova data, porém não tem aceitação do público e volta a data tradicional.

O prefeito Aristeu Vieira, em 1967, promulgou a Lei que determina a data da festa como feriado no município. E a mudança definitiva da data do evento para segunda-feira pós – Páscoa ocorreu, em 1973, por ordem do vigário. Ainda neste ano, é instituída a novena em lugar do tríduo.

Uma das maiores tradições da festa é a escolha do Rei e Rainha de São Benedito. No início, os Reis tinham que participar da Irmandade de São Benedito, os interessados tinham que deixar seu nome com o presidente da Irmandade e pagar uma jóia para o rei e juízes, que são as expressões de referência às pessoas que se propõem a realizar a festa ou com a mesma colaboração. Atualmente, o processo de escolher o rei é feita por uma comissão junto ao vigário, que recebe uma lista com os nomes dos candidatos, analisa a participação de tais na comunidade e o motivo que os levam a ser Reis de São Benedito.

A Festa de São Benedito é precedida pela novena, que consiste de missas e rezas diárias, realizadas durante nove dias. O início da novena dá-se no domingo de Páscoa, estendendo-se até o próximo domingo.

A novena parece ser um hábito popular, que não faz parte da liturgia católica, mas por ela aceita como prática religiosa. Registrada tanto no Brasil como nos países latinos, essa reza é originada na Península Ibérica. (FELICIO, 1993, p.19).

A novena obedece a uma programação litúrgica, que é descrita nos programas, e tem um tema central, geralmente, a Campanha da Fraternidade daquele ano e os devotos levam como gesto concreto 1 quilo de alimento estipulado para o dia.

Sempre após a novena em louvor ao Santo tem a quermesse, trata-se de festas realizadas nas proximidades da igreja, onde os moradores da cidade rodeiam a Praça de barracas. No início eram vendidos cachorro - quentes, quentão, pipoca, vinho quente, bolão de fubá, entre outras comidas típicas. E além das barracas tinham o leilão e a barraca do bingo. Os shows eram de música popular e sertaneja. Hoje, a festa está diferenciada, com número maior de barracas: com artesanatos, brinquedos, comidas e bebidas. Também o repertório de shows se modificou, durante muitos anos, os Reis traziam cantores e artistas famosos, mas agora para diminuir as despesas contratam bandas da região.

Outro ponto de devoção da festa é a procissão e levantamento do Mastro, que desde a primeira festa esteve presente na programação e sempre cuidado pelo Capitão do Mastro. Este acontecimento sempre teve início às 14h, e logo em seguida ocorre a cavalaria. O mastro tem todo seu ritual, como conta o capitão José Benedito Domingos, mais conhecido como Zé do Mastro, “o tronco de eucalipto é cortado no mês de setembro, na lua minguante. A pintura do mastro é azul com detalhe branco, amarelo e verde, simbolizando o céu”.

Cristina Schmidt realça que o levantamento do mastro é recordação dos cultos agrários, relacionados à fertilização da terra.

Simbolicamente, o mastro faz a ligação entre o céu e a terra. O céu, masculino, fecunda a terra, feminina, através do mastro. Da mesma forma e com a mesma função se encontram rituais com a montanha, a árvore, a torre da igreja e o homem. Aqui todos compõem os mastros da festa. É uma celebração de fecundidade e da fartura. (SCHMIDT, 2001, p.51)

As pessoas têm o costume de jogar dinheiro, bilhetes e alimentos no buraco do mastro, pedindo favores e agradecendo ao Santo, que se originou das tradições africanas, pois acreditam que Deus mora na terra, e na senzala, existia a tronqueira onde os escravos faziam suas oferendas aos santos e orixás. Para os cristãos, o ato de erguer o mastro é costume medieval, da época das cruzadas, e serve para indicar que o Santo está presente na festa ou que aquele território é cristão. Como de costume, após o levantamento do mastro, as congadas seguem para a igreja de Santa Rita para buscar a imagem.

Após esse momento, a cavalaria passa pelas ruas da cidade, cerca de dois mil cavaleiros, cumprem a homenagem ao santo. Esta prática foi iniciada há mais de 280 anos na cidade vizinha, Guaratinguetá, durante os festejos de lá. Segundo Felício (1993) a cavalaria de São Benedito saiu pela primeira vez em 1910, deixando de participar em 1914, por a cidade ter muitas ladeiras. Mas no ano de 1973, a cavalaria volta a compor a festa, não a deixando mais.

E na década de 60 foram trazidos, de São Luiz do Paraitinga, os bonecões: O casal João Paulino e Maria Angu, acompanhado dos filhos, a futriqueira Mióta, a Bruxa e a Vaca Maluca. Os bonecões ficam na festa no sábado, domingo e segunda-feira, no período da tarde e reúnem centenas de crianças envolta.

As gincanas também viraram tradição. O 1º Enduro da Mentira foi em 1989, que consiste numa competição, com a largada na Praça e percorre a zona rural. E no ano seguinte o enduro passou a integrar o Campeonato Paulista de Enduro de Regularidade. No mesmo ano, outra novidade foi a Gincana de Motos, que acontece no Estádio do Penidão, na manhã sábado, com casais que tem que cumprir tarefas.

A Gincana Escolar entre os estudantes começou em 1990, onde eles recolhem alimentos e materiais de limpeza para Instituições beneficentes; realizam provas obrigatórias e respondem perguntas relativas à vida do Santo e fatos atuais. A Gincana é organizada por professores de Aparecida.

O grande dia da festa começa às 5h com a alvorada, há uma salva de 21 tiros, todos os grupos folclóricos se dirigem até o mastro dançam e cantam fazendo uma reverência, com suas espadas e instrumentos musicais. Depois se dirigem à casa dos reis para acordá-los, quando acontece o café da manhã, oferecido às congadas e a comunidade, que em seguida vão para a igreja, onde acontece a missa campal festiva para a igreja para a missa campal festiva.

Ao termino da missa, o Rei, a Rainha e o Vigário seguem para o Centro Paroquial, onde são distribuídos, hoje, aproximadamente cinco toneladas de doces. O “doce de São Benedito” é, também, uma de suas grandes tradições, que está presente desde a primeira festa. No começo os doces eram feitos na casa dos Reis, sempre na responsabilidade da Rainha, com o passar o tempo e o acréscimo do número de devotos a comissão da festa teve que comprá-lo e, hoje, são feitos em cozinha industrial. E esta é uma tradição que atravessou o século, da mesma forma, que o grande cortejo em homenagem a São Benedito.

Figurinos, adereços, anjos, crianças vestidos de Santa Rita e São Benedito, como forma de pagar promessas, andores e estandartes, congadas e moçambiques, roda de capoeira são manifestações presentes na procissão do Santo. A procissão de São Benedito se difere de todas as outras e é resultado do trabalho coordenado diretamente pela Rainha. São desenvolvidos e confeccionados figurinos e adereços de aproximadamente de 300 pessoas e 60 alas. A corte desfila ao lado do rei e da rainha.

A origem da festa se deu pela Irmandade de São Benedito, que organizava todo o evento, desde a parte profana a religiosa. Com o passar do tempo, a Irmandade foi perdendo sua força perante o evento, precisando passar a responsabilidade para a Prefeitura. Hoje, a Secretaria de Turismo de Aparecida é quem auxilia a igreja na realização da festa.

Ano após ano a Festa de São Benedito cresceu e, hoje, recebe aproximadamente 150 mil pessoas, com a participação de 80 grupos de congadas e moçambiques, considerando o maior encontro de congadas do país.

3 – PROGRAMAS COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO COLETIVO

O cartaz da Festa de São Benedito pode ser considerado um dos maiores veículos de comunicação do evento, quando são espalhados por toda a cidade e região e a procura por informações da festa é realizada muitas vezes por meio deles. Nos últimos anos, foram distribuídos aproximadamente cinco mil cartazes.

De acordo com Luiz Beltrão (2004, p.28) o programa de festa é um meio de comunicação coletiva, de forma colegiada: o comunicador é uma instituição, neste caso a Igreja, que transmite a sua mensagem, não para alguém em particular, mas para quantos lhe desejam prestar atenção, buscando atingir a sociedade de massa. Beltrão cita

que neste contexto o comunicador envia mensagem ao receptor que reage, tornando-se comunicador para enviar mensagem de retorno ao primeiro comunicador, tornando receptor, visando outra reação. E o processo se reinicia ou se interrompe, pondo termo ao fenômeno comunicativo.

Com isso, não há interrupções do circuito ou perda de contato entre os dois elementos. Assim, embora a comunicação coletiva seja, tecnicamente, unilateral, os receptores na verdade alimentam o diálogo, utilizando outros meios mecânicos para manifestar a sua reação, que não se reclama seja necessariamente em palavras. Porque a resposta à mensagem, na comunicação coletiva, não é discussão, mas ação. No caso da festa, o cartaz tem a ação de convidar a população.

Com a caracterização, simultânea, da sociedade de massa e o estabelecimento do império dos símbolos, que marcam o auge da competição individual e coletiva, mas reclamam como nunca um certo tipo de consenso na ação social, verificou-se a revolução tecnológica na comunicação.

Baseando-se na teoria Folkcomunicacional, os cartazes atingem a audiência nos três grupos marginalizados – o rural, o urbano e o cultural, que durante o evento conseguimos notá-los, a grande maioria de pessoas simples e de grande devoção ao Santo.

Observamos que a festa é a fonte de onde surge toda a informação, envolvendo a igreja e comissão organizadora: festiva e sagrada. O cartaz transmite a comunicação necessária de maneira coletiva e o receptor que são as pessoas que buscam por essas informações.

Podemos dividir a audiência da festa da seguinte maneira: Os grupos marginalizados rurais, que são pessoas que moram na zona rural da cidade ou região e passam o dia prestigiando as festividades, principalmente sábado, domingo e segunda-feira. Os grupos urbanos: muitos são pessoas de Aparecida e muitos romeiros que passam pela Festa em devoção ao santo. Aparecida é uma cidade de renda per capita baixa, a maioria vive do comércio nos fins de semana. Os marginalizados culturais: entre os messiânicos cito as congadas, moçambiques, a Irmandade de São Benedito, entre os grupos que buscam a festa como uma forma demonstrar a fé ao Santo e também uma forma de demonstrar o passado dos negros no país. O político – ativista são visto, principalmente em épocas de eleição, para fazer propagandas e o erótico – pornográfico encontramos

peessoa que usam da festa para se prostituir ou menos outras que vão ao evento com intenções de fazer algazarras.

Beltrão (2004) ainda cita que a linguagem do folclore nos apresenta como enigmática, a desafiar, num estudo de conjunto, a nossa capacidade de descobrir o segmento semântico codificável, no emaranhado de sons, ritos, movimentos e imagens que o encobrem, constituindo o segmento estético. E as imagens têm sua importância nos programas da Festa e com a evolução da comunicação podemos afirmar que o uso delas são ícone na leitura e interpretação, quando as pessoas só de olharem conseguem entender a mensagem a ser transmitida. Hoje, utiliza-se a imagem em todos os meios de comunicação visual, como folders, cartazes, revistas, jornais, site e em outros.

O ser humano passou a ser um consumidor de imagens ainda mais com as extensões que criou para seu corpo. “..., provavelmente devido a razões de especialização evolutiva, 75% da percepção humana, no estágio atual da evolução, é visual”. (SANTAELLA, 1993, p. 11).

Para este trabalho selecionamos três cartazes para contextualizar a história e a comunicação da Festa, sendo o primeiro cartaz publicado em 1910; o segundo em 1964; e o programa de 2009, que é da comemoração de 100 anos de Festa.

A cada ano, os programas são modificados ou acrescentam-se novidades. O cartaz da primeira festa foi publicado pelo Jornal Santuário D’Aparecida, Seminário Religioso com aprovação do Exmo Sr. Arcebispo Metropolitano / Orgão oficial da Basílica de Nossa Senhora Aparecida, no dia 19 de fevereiro de 1910. O cartaz divulgado apresenta uma linguagem clássica e poética, porém acessível, clara e objetiva, onde os Reis de São Benedito escreviam convidando a população. Era como uma nota informativa, que apresentava apenas a programação dos últimos dias e só tinha acesso a ele quem lia o jornal. Neste formato não apresenta imagem, apenas o texto e tarjas para diferenciar um assunto do outro, usavam as cores preta e branca, até porque na época não se tinham outras na tipografia e seu tamanho era de no máximo A5 (148 X 210).

Os festeiros abaixo designados, encarregados de promover a Festa do Glorioso São Benedito, pela primeira vez, no corrente ano, têm a honra de apresentar ao público o seguinte programa: (Programa da festa, 1910)

Até a década de 1930 os cartazes eram publicados pelo jornal e somente após que começou a se espalhar pelas ruas da cidade e pontos comerciais, no período que

antecede a festa observa-se os programas espalhados. Ao longo das décadas, os programas foram modificados, passaram a ter mais conteúdo informativo, mas com os dados necessários, como o tema principal da novena, os temas diários, os horários de missa e procissão, a parte recreativa, foto da imagem do santo e o nome dos reis e membros da corte.

Já na década de 60, com cinquenta anos de Festa, observamos os cartazes com mais informações, colocando os eventos dos três principais dias da festa, com a parte religiosa, profana e do grande dia. Seu formato é maior, tamanho A3 (297 × 420), a inclusão da imagem de São Benedito, as letras dão mais destaques, usa de uma linguagem coloquial, objetiva e direta. Também com anúncio dos reis convidando a população para o evento.

Com o aumento dos eventos da Festa, foram criados três tipos de programas: um com a programação geral, um com as datas dos shows e outro para programação das congadas e moçambiques. Podemos observar que os últimos cartazes contêm apenas as informações, com datas e horas dos eventos, dando espaço à publicidade dos patrocinadores.

Os primeiros cartazes a saírem coloridos foram na metade da década de 90, quando a imagem de São Benedito teve maior destaque. A partir desta época observa-se que a cor predominante é o amarelo, que para a Igreja Católica significa o Ouro, a cor da Santíssima Trindade e também o Rei. Outro aspecto da cor é a impressão de calor, luz, plenitude, calma e repouso. GOLDMAN afirma que “representa riqueza, prosperidade, alegria e pureza”. Para os negros São Benedito é o Rei. Outra cor observada é o laranja, que para GOLDMAN “representa glória, esplendor, vaidade, progresso”. Pode-se observar que as cores são sempre ligadas ao esplendor do santo.

Também, neste período, em quase todos os programas foi inserida a foto da igreja com as bandeirinhas, que a enfeitam durante o festejo. As quais, apresentam o seguinte significado: As bandeirinhas trazem dois elementos da simbologia cristã: o quadrado e o triângulo. O quadrado com quatro pilares simboliza o cosmo, o mundo especializado e os quatro elementos. Ainda representa o caráter estável da instituição religiosa sólida e estabelecida e também representam os quatro pontos cardeais. O triângulo equilátero é um símbolo comum entre os cristãos e aos maçons, como se fosse um instante

indivisível que, entre o passado e o futuro, é como que um reflexo da eternidade no tempo.

Sendo assim, em pé - como é representando na maçonaria – tem significado da sabedoria e da manifestação, o elemento fogo e o sexo masculino; invertido – como no cristianismo – representa o coração de Cristo e a Onipresença, e também o sexo feminino, a matriz da fecundidade. E o triângulo equilátero dividido ao meio, resultando em dois triângulos retângulos, representa o homem (SCHMIDT, 2000, p. 44).

A Igreja é uma dos maiores símbolos do Catolicismo, pois é sagrada. A Igreja tem uma superioridade natural sobre os prédios profanos que a circundam. As primeiras igrejas foram construídas no centro da cidade, para que todos que passassem a vissem e respeitassem a “Casa de Deus”. E a igreja de São Benedito, foi construída exatamente no centro de Aparecida, ligando as duas vias principais da cidade. As pessoas que passam pelo local sempre pedem a proteção do Santo Negro.

Em 2005, a comissão da festa criou um site (www.festasao benedito aparecida.com.br) que contém informações mais detalhadas de todos os eventos que irão acontecer, incluindo fotos, a história da Festa e do Santo, quem são os reis daquele ano, as comissões com os contatos e uma novidade neste ano foi um mural de recados, onde os internautas falam o que acham da festa, combinam encontro entre eles, dão dicas para a próxima festa.

5 - CONCLUSÃO:

Aparecida tem aproximadamente 36 mil habitantes e durante os dias da Festa de São Benedito chega a receber 150 mil romeiros, que visitam a cidade em devoção ao santo negro, que é tão presente na história da cidade, na vida das pessoas e da igreja. Ao longo dos 100 anos podemos analisar, por meio, dos cartazes toda a evolução da festa, que sofreu adaptações e acompanhou a evolução industrial, sócio – econômica e cultural da região.

Verificando as três décadas (1910, 1964, 2009), podemos acompanhar a história da festa, quais as novidades que foram inseridas, as que foram retiradas, a participação da população, as origens que foram quebras, influencia do branco na festa do Santo Negro. Os cartazes podem ser considerados de um veículo de comunicação de massa

jornalístico, onde encontramos todas as informações necessárias sobre os assuntos da festa e com a linguagem popular.

Dentro desta evolução, verificamos a influenciou do processo de comunicação, primeiros eram apenas textos corridos, depois houve a inserção de pequenas imagens, letras maiores, informações mais objetivas. E, hoje, com a evolução das tecnologias gráficas no mercado e, principalmente, porque a percepção visual aumentou, com a rotina do dia-a-dia, as pessoas não param para ler e a modernidade do cartaz visa transmitir a mensagem de maneira mais clara e de leitura rápida. Ainda podemos contar com o site, que para quem busca mais informações sobre a Festa pode encontrar.

A festa em homenagem ao santo é uma tradição que passa de pai para filho, de grupos para grupos. A cidade inteira para no período da comemoração, todos querem participar dos festejos de São Benedito. Dentro deste contexto, a Folkcomunicação se faz presente em detalhes da festa, quando a congada dança e canta, o fiel entrega seu ex-voto, as cores das bandeiras e do mastro que simbolizam a comunicação do céu e da terra e os cartazes, que por meio deles contam a história da festa.

6 - REFERÊNCIAS:

AMADO, Gilles; GUITTET, André. **A dinâmica da comunicação nos grupos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

BARROS, C. M. **São Benedito, o santo negro**. São Paulo: Paulus, 1982.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: Teoria e Metodologia**. São Bernardo do Campo/SP: UMESP, 2004.

_____. **Comunicação e Folclore: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias**. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

_____. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias**. In: José Marques de Melo. Porto Alegre: Edipucrs, 2001. p. 07 – 21.

CORNIANI, F. **Afinal, o que é Folkcomunicação?** Disponível em <http://www2.metodista.br/unesco/agora/pmc_acervo_pingos_fabio.pdf>. Acesso maio. 2009.

EPSTEIN, Isaac. **O signo**. São Paulo: Ática, 2000.

FELÍCIO, M. G. José. **São Benedito, um santo festeiro**. São Paulo: Santuário, 1993.

GOLDMAN, S. **Psicodinâmica das cores**.

LAKATOS, E. Maria. **Sociologia Geral**. São Paulo: Atlas, 1979.

PINTO, V. Noya. **Comunicação e Cultura Popular**. São Paulo: Ática, 1986.

SANTAELLA, Lucia. **A percepção – uma teoria semiótica**. São Paulo: Experimente, 1993.

SCHMIDT SILVA, Cristina. **Viva São Benedito: festa popular e turismo religioso em tempo de globalização**. São Paulo: Santuário, 2000.

TOLEDO, F. Sodero. **Outros Caminhos, Vale do Paraíba, do regional ao internacional, do global ao local**. São Paulo: Paulus, 2001.

TORRE, M. B. L. Della. **O Homem e a sociedade, uma introdução à sociólogos**. São Paulo /SP: Nacional, 1977.